



O Gaiato



**PORTE
PAGO**

Quinzenário * 18 de Junho de 1988 * Ano XLV — N.º 1155 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Calvário

● Entrei numa pequena Igreja onde o pároco fazia, no momento, uma bela homilia. Mais ou menos isto:

«Comunicação social. É hoje o dia. Que pena a Igreja não ter um canal de televisão para levar a mensagem a setenta por cento dos casais católicos que não frequentam a Igreja. Ou antes, frequentam, somente, no baptismo tradicional e rotineiro, nos casamentos e funerais. Todos os cristãos se deviam revoltar contra os programas que não ensinam, não educam e não divertem.»

Tem muita razão. Deixe-me, porém, a talho de foice e batendo no meu pobre peito, dizer que sinto muita culpa pelos que fugiram da Igreja.

Veja: Fui um pároco rotineiro; Domingos numa corrida; Missas e Baptismos à pressa; homilias sem pastoral; só não dei aulas de Português no Liceu da esquina porque não calhou.

Ai, se todos os sacerdotes o fôssemos a tempo inteiro! E, com toda a alma, cuidássemos da catequese das crian-

ças, acompanhamento dos jovens, conversão dos adultos e da assistência carinhosa dos Pobres!

Há pouca seiva na raiz da planta! Razão porque 70 por cento das folhinhas saltam da pia do Baptismo para os funerais dos parentes ou seus.

Seiva nova!
Lume novo!
Um novo sal!

Claro que, somente com a nossa doação total e entrega, sem condições, aos irmãos.

O Senhor nos espera, apaixonado e ansioso, no meio da seara imensa...

Quando saí da Igrejinha o sol de Maio iluminava a cidade de cimento. Entrei na avalanche e redemoinho de pessoas que se cruzavam nos passeios e ruas — pensando...

Pensando como seria belo e maravilhoso se em cada coração ardesse o lume novo.

Depois, sim, o tal canal.

● Será mesmo que o vinho verde (tintinho e branco) é o pai de muitos deficientes

nesta região do Entre-Douro-e-Minho? Que o número é enorme, é. Que conheço alguns deficientes e epilépticos filhos de pais alcoólicos, também é verdade.

A inocência com que um dos nossos rapazes me contou as cenas das bebedeiras de aguardente que apanhava em casa dos avós!

A tristeza com que uma professora amiga me falou nas merendas de pão e vinho que muitos alunos (alguns de nove anos) traziam de suas casas para o almoço!

A mesa dos cristãos — o altar — é lugar próprio para se esclarecerem os fiéis sobre os deficientes, o álcool e as drogas.

E os nossos professores, em todas as escolas... em vez de se derreterem com «sexos» e «licenças» que nunca serão verdadeira liberdade?!

Pois, precisamente, hoje, telefonou uma vicentina da zona de Famalicão e disse: «Quando recebem o menino? A mãe anda bêbeda pelas ruas, despe-se e bate com a criança nas paredes.»

Como conheço o caso, marquei o dia 14 para a entrada deste filho — vítima inocente do álcool — na nossa Aldeia do Calvário.

Padre Telmo

SETÚBAL

Como sabes, leitor amigo, trago a alma amargurada pela situação irremediável de abandono de crianças decretada por quem tinha o dever de o evitar.

Não se trata de casos passados nem longínquos. Não nasce esta amargura dos relatos dos jornais sobre as crianças de África, América Latina ou Ásia; mas aquilo que os meus olhos vêem, os meus sentidos apalpm, presenciei em manhãs de Primavera que mais me pareceram de rigoroso e escuro Inverno.

«Oh mundo infeliz! Oh civilização derrancada que deixas cair no chão o teu semelhante!» — gritava o Padre Américo no princípio da Obra e bradam os Padres da Rua, quase todas as quinzenas, no Famoso.

Muito pertinho de nós fui encontrar dois meninos de quatro e cinco anos, caras de cera, leves como a palha, olhos lívidos, aspecto profundamente carente, a viverem com a avó trôpega, tio anormal, avó cego; dois irmãos anormais, padraço alcoólico e sem hábito de trabalho, mãe grávida com três bebés no ventre e na cama com uma tarefa do marido, uma casota sem janelas, sem ar e sem luz, rodeada de uma valeta de líquido putrefacto. O desconforto de tudo faz-nos arripiar. A escuridão, o desalinho,

a falta de espaço, de luz e de ar meteram-me medo; a mim que ando habituado a estes ambientes.

Quis trazer, logo, os pequenos. Era meu dever. Era seu direito! Eles foram para junto do nosso carro ansiosos por fugir daquele antro de morte!

A avó ainda se arrastou, acompanhando-me para confidenciar toda a tragédia vital da sua filha a partir da adolescência, segredando os traumas dos netos por presenciarem cenas íntimas, chocantes, da mãe com o nóvel marido.

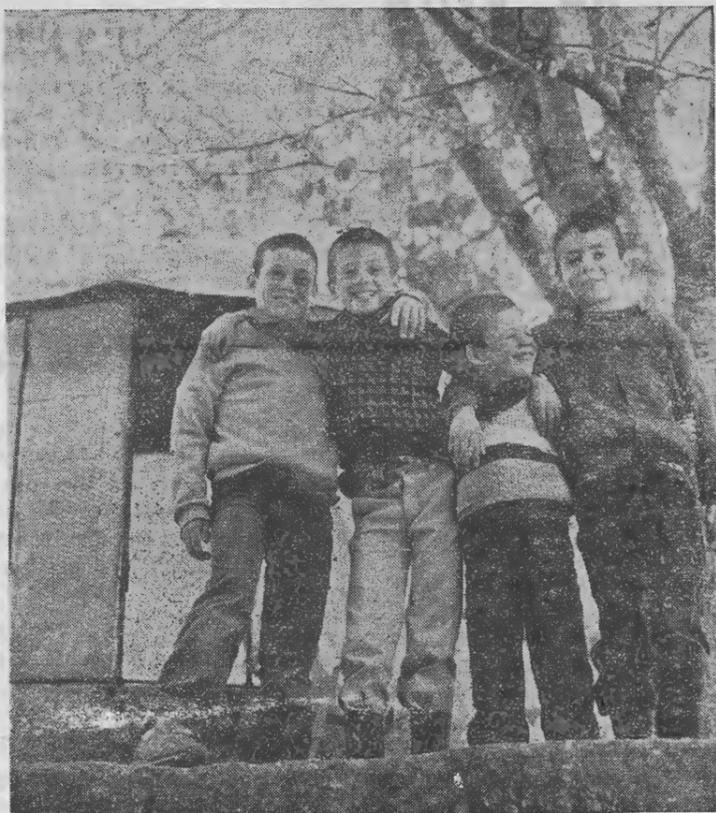
Não os trouxe. Confortava-me somente a esperança de os ir buscar logo que possa arrumar a casa com os bebés de que falei na última edição d'O GAIATO.

Aquela família é uma acusação!

Acusa a sociedade, de modo especial a sociedade envolvente que quase nada fez para evitar, remediar ou diminuir tão clamorosa tragédia humana. Ninguém se mexe. Todos cruzam os braços, roídos de indiferença e de impotência.

Acusa a comunidade cristã da paróquia. Não sei como se pode, assim, celebrar a Eucaristia. Não sei. Acho que do Coração de Jesus, amante dos Pobres, devem sair gritos tão

Cont. na 2.ª pág.



Eram da rua... De famílias destruídas. Mas encontraram o seu mundo — a Família — na Casa do Gaiato.

AQUI, LISBOA!

«Tudo o que puder favorecer a alfabetização e a educação de base, que a aprofunde e complete, é uma contribuição directa para o verdadeiro desenvolvimento» (Carta Encíclica «Sollicitudo Rei Socialis» — João Paulo II).

As queixas surgem de todos os lados e os resultados estão à vista. «O ensino vai mal», «o insucesso escolar é um flagelo nacional», etc, são expressões correntes. As estatísticas são aterradoras, sobretudo quando

comparadas com outros países. As taxas de repetência no segundo ano de escolaridade são de 7,1 por cento em Espanha, de 1,3 por cento em Itália e de 41,5 por cento em Portugal; no quarto ano de escolaridade os índices de insucesso são, pela mesma ordem, respectivamente, de 3,7, 1,6 e 31,6 por cento. Estamos, na verdade, ante um quadro apocalíptico.

Andam os políticos, os economistas e os responsáveis pelos assuntos financeiros empenhados no desenvolvimen-

to do País. Pensamos, contudo, que a grande batalha a travar, supostos sempre os valores ético-morais, deve assentar na educação, a começar pela educação básica. Já Paulo VI, agora confirmado pelo Papa reinante, como acima se cita, afirmou na Populorum Progressio: «A educação de base é o primeiro objectivo dum plano de desenvolvimento».

Há que rever todo o sistema, desde os programas à prepara-

Cont. na 3.ª pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Tojal

FESTAS — Ao terminarmos a Festa, em Torres Vedras, o nosso Padre Luiz partilhou a sua alegria interior. Depois de termos mastigado, digerido e amassado a doutrina de Pai Américo de mãos dadas com a espontaneidade dos «Batatinhas» (pequenos), sentimos também a necessidade de apregoar em voz alta: — «Dar-lhes sangue que os prenda. O que aqui vos foi apresentado é trabalho dos meus Rapazes. Eu fui, como vós, simples espectador. Quero pedir as palmas para todos eles que tornaram possível a Festa. Pai Américo confirmava aquilo que foi. Um verdadeiro semeador do Eterno. Assim eu gostava de ser! A Obra tem, neste momento, uma grande carência de continuadores: Padres, Senhoras disponíveis que se queiram assumir como mães. Eu estava pensando nas realidades que todos os dias apalpamos. Em nossas Casas os dramas imensos estão presentes na vida de tantos dos nossos irmãos, nomeadamente daqueles que são nossos. Queridos Amigos, levemos no nosso interior, nos nossos corações, na nossa inteligência com as mãos dadas uns aos outros na medida do possível. Assim, contribuiremos para um mundo mais feliz, mais fraterno, mais cheio de paz e amor.»

José Manuel dos Anjos Nunes

MIRANDA DO CORVO

DESPORTO — Findou o torneio organizado pelo Grupo Desportivo Pereirense.

Ficámos, pelo apuramento, nos 3.º e 4.º lugares.

O nosso adversário, no apuramento, foi a equipa das Cerejeiras. Averbámos mais uma vitória por 4-0.

Ficámos em 3.º lugar num torneio em que estiveram envolvidas oito equipas.

VISITAS — Recebemos um grupo grande, de Mortágua.

Almoçaram connosco e, no fim, houve um desafio de futebol.

Deram uma volta pela nossa Casa, principalmente pelos nossos trabalhos. Agradecemos a visita.

Carlos Manuel

Paço de Sousa

VISITAS — No passado dia 29, recebemos a visita de um grupo da 3.ª classe duma escola de Anrífena. Disputaram um jogo de futebol com rapazes da mesma idade. A nossa equipa venceu por 19-2, sem dar qualquer hipótese.

Contentes, desafiaram os pais e iniciaram novo jogo.

Dava gosto ver, pareciam elefantes contra ratos, estes mais do que aqueles, rápidos e atrevidos!

O rebitado jogo terminou com 8-7 a nosso favor.

Prometeram treinar e voltar para repetir a dose.

De resto, temos recebido grande número de visitantes, nomeadamente excursões escolares.

CORPO DE DEUS — Dia recheado de celebrações, culminando com a passagem da procissão pela nossa Aldeia, previamente preparada com folhas e flores a demarcarem o caminho por onde passaria o Corpo do Senhor.

Houve comida melhorada, pelas mãos do «Carlitos Preto» e do Valdemar, que até percebem da coisa!

ESCOLA — Para alguns já terminaram as aulas. Caso da Secundária. Acabaram mais cedo do que o Círculo Preparatório e a Primária. Os sobreviventes nocturnos da Secundária, com algum cansaço, por vezes incompreendido, mas recompensador, pois conseguiram passar de ano.

Agora, é o repouso com as férias que se aproximam.

Páres

Noticias da Conferência de Paço de Sousa

● O homem é pensionista. «Recebo só treze contos e tal. Com'é q'a gente pode viver — eu e minha mulher?!»

Desabafa a injustiça!

Agora, mais não quer senão «uma roupita p'ra mim e p'ra ela. Tenho vergonha de pedir mais...!»

O nosso amigo continua: «Ninguém sabe o q'a gente sofre! Só Deus...»

Quantos milhares de famílias, assim, de norte a sul do País! E não vemos melhores dias, no horizonte, a curto e médio prazo!

PARTILHA — As habituais remessas do assinante 11902, do Fundão; e do assinante 9790, de Oliveira do Douro: «Pequena gota para as necessidades da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus.» Sublinha na oferta: «Agradeço uma oração por uma intervenção particular.»

Um assinante, de Ovar, com sobras de contos: «Migalhinhas destinadas às maiores necessidades». Assinante 38611, da Cête, vem pelo seu pé, mais uma vez, entregar 500\$00. Manuel, de Braga, quatro contos para as Irmãs viúvas, «muito contente porque, agora, estão a aparecer com frequência outras pessoas amigas para as ajudar». Um estímulo!

Assinante 44492: «Chegou mais dinheiro às minhas mãos. Enviei para vários lados... Segue outra migalhinha para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa; e peço perdão ser irrisoriamente pouco» — 1.000\$00. Alma grande!

Um cheque da assinante 3107, ocupada no Congresso dos Leigos, em Fátima, e motivada pela acção de Pai Américo. O cumprimento duma «obrigação», pela mão de senhora amiga, em Santa Cruz do Douro. A

remessa da assinante 27208, de Faro, chega em ordem. Tão oportuna!

Dez contos do assinante 26197 que, de passagem, não esquece os Pobres. A «partilha de Maio, com saudações fraternas», de «uma assinante de Paço de Arcos». Há quantos anos! O Elísio Humberto com 500\$00.

Três contos, de Tortosendo, «para os meus Irmãos pobres da Conferência de Paço de Sousa», solicitando a «esmola das vossas orações». A vida sem Deus é nada. Nada de nada!

Fecha a coluna um dos primeiros Amigos de Pai Américo, na cidade do Porto — assinante n.º 20 — com um repolhudo cheque. Retribuímos o forte abraço.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Conferência do Lar do Porto

Como é bom ter alguém que nos ajuda a caminhar nas visitas aos nossos irmãos mais necessitados. E tantas alegrias e tristezas com eles partilhamos. Pois nós, vicentinos, confessamos, às vezes ficamos revoltados connosco próprios de tentar ajudar e não conseguimos. Porque nos esquecemos de algo que eles precisam: a Palavra de Deus. Mas Deus não se esquece. E, através de um nosso amigo, faz-nos lembrar: «Deixem-me sonhar convosco. Aí vai a minha oferta, 5.000\$00.»

Vamos pelos prados no nosso cavalo fúgado descobrir a Primavera, Senhor! «Quando estavas sem abrigo e Te abrigamos!... Dai-me Senhor a graça de eu repetir este gesto muitas vezes enquanto vives. Amen.»

São estas simples palavras que nos dão mais força e mais fé para caminhar com aquele espírito com que o Pai Américo caminhava na visita aos mais necessitados.

Socorre o Pobre e não o deixes ir com as mãos vazias.

Perde o teu dinheiro em favor do teu irmão e não o escondas debaixo de uma pedra. Olha que — Ele não dorme e recompensará.

Recebemos, de um licenciado, 6.000\$00 para leite e pão. Anónima, 2.000\$00. Anónima, 2.500\$00. Do Porto, um amigo, 1.000\$00. Lisboa, 5.000\$00. Amigos de D. António Barroso, 2.500\$00. Oferta da senhora dos Correios, 5.000\$00. 2.000\$00, de um amigo. Conferência de S. Ovidio, 10.000\$00. Gondomar, 2.000\$00. Mais uma migalhinha, 1.000\$00. Um amigo com 2.500\$00. Sete títulos da Petrol, de Lisboa. 4.800\$00 da assinante 19177.

Augusto e M. Germana

CASA DE MIRAGAIA — Os grãos de areia vão chegando aos pouquinhos, mas vão chegando.

Cada carta que nos chega enche-nos de coragem e alegria; não são só os donativos para a construção da casinha, mas também as belas palavras de amizade que nos servem de meditação e incentivo.

Senão vejamos:

A assinante 17624 diz: «A leitura do

vosso jornal serve-me de exame de consciência. Abre-me o coração e a bolsa. Bem hajam». E manda 1.000\$.

Amigos de D. António Barroso, 2.500\$00. Anónimo, do Porto, 2.000\$. Maria Vilhena, de Queluz, 10.000\$00. Outro anónimo, 10.000\$00. Laura, de Penacova, 5.250\$00. Maria Helena, de Coimbra, 3.000\$00. Virgínia, de Idanha-a-Nova, 2.500\$00. Muito obrigado pela honra que dá de nos tratar por amigos.

2.000\$00, de uma anónima de Gaia. 10.000\$00, de Maria Teresa, de Lisboa. Uma amiga, de V. N. de Gaia, 10.000\$00. Anónima, 10.000\$ e pede que rezemos por um casal que atravessa grave crise. Não esqueçamos. 5.000\$00, de Maria Amélia. 10.000\$, do assinante 17143. Mais 1.500\$, do assinante 5834. 5.000\$00, da assinante 15445. Anónimo, 1.000\$00. Berta Delgado, 1.000\$00. Matilde, 5.000\$ por alma de sua irmã, pai e Maria Eulália. 2.000\$00 para uma telha, de Ana Maria, de Lisboa. 1.000\$00 em acção de graças a S. Francisco de Assis. 4.000\$00 da assinante 7769.

Em nome da família, de Miragaia, o nosso muito obrigada e desculpem lembrar mais uma vez que ainda faltam muitos tijolos e telhas para o fim do grande sonho.

Agora alguns donativos: 1.000\$00, de Sara, de Valadares. 2.000\$, de Adelaide, de Lourosa. 2.000\$00, da assinante 24037, 1.000\$00 de «uma mãe que crê em Deus». Assinante 23185, 1.000\$00. Por último, o assinante 16696 manda 5.000\$00.

Em nome de todos os irmãos mais desprotegidos, o nosso muito obrigada.

Madalena

PARAGEM NA VIDA

Assim defini o Retiro dos casais, ao serviço da Obra da Rua, quando saímos no dia 26 de Maio em direcção ao Santuário de Nossa Senhora do Socorro, em Albergaria-a-Velha. Uma viagem que não esquecemos, até por termos ficado no caminho com uma avaria na Toyota. Foi um espanto o que aconteceu!

Completámos a viagem noutra veículo. Os casais de Miranda do Corvo e do Tojal, que nos esperavam, preocupados, recebiam-nos com abraços.

Após a primeira noite, de repouso, o Retiro começa com a oração da manhã. Entretanto, de sorriso nos olhos, chega o Padre Barroso que orienta os trabalhos de alma e coração.

Houve conferências, reflexões e diálogo sobre a Palavra de Deus, o Evangelho, em proteínas e vitaminas para a nossa alma se fortalecer. Um (breve) estudo sobre as Religiões, a vida matrimonial, as vocações; um pouco de tudo sobre a vida real. Não faltaram as dúvidas... esclarecidas. Um Retiro mais não é do que uma paragem, uma revisão de vida;

deixarmos as preocupações da terra para rapidamente darmos conta de que temos uma alma para salvar... a tempo.

Agradecemos o acolhimento das Religiosas responsáveis por aquela Casa da Diocese de Aveiro. Tudo bem, desde a primeira hora, com um sorriso que brilha à distância como o sol que brilha ao amanhecer.

Todos foram lembrados. Particularmente os casais que não puderam ou não quiseram participar.

A nossa Obra ficou mais rica. Não vamos dizer que somos melhores e tudo vai ser melhor. A vida continua e, como pecadores, faremos por cumprir os propósitos manifestados.

Um bem haja, dos casais participantes, à Obra da Rua — representada por um dos seus Padres. Não esqueçamos o Padre Barros; e, mais uma vez, as Irmãs que também nos ajudaram a purificar.

Júlio da Silva



Cont. da 1.ª pág.

lancinantes e tão fortes que é preciso ter os ouvidos tapados e um coração de pedra para não ouvirem. A Eucaristia celebrada nesta indiferença cheira-me a blasfémia!

Acusa e denuncia uma ambiência de erotismo que leva na sua frente os mais fracos e mais desprotegidos como as enxurradas arrastam as folhas secas da montanha em épocas de trovoadas!

Acusa e denuncia a ineficácia duma Assistência Social assente em papelada, relatórios, cursos de formação, reuniões e acolhimentos frustrantes para quem assiste e é assistido.

Acusa e denuncia o ópio de uma Legislação de Menores para quem os filhos são propriedade dos progenitores e os Tribunais instâncias ineficazes perante a gravidade das situações.

Acusa a ausência duma denúncia assente na verdade e no empenhamento concreto por forma a abanar todos sem distinção de responsabilidades.

Denuncia a real ausência de Jesus nas comunidades ditas cristãs.

Padre Acílio

Aqui, Lisboa!

Cont. da 1.ª pág.

ção dos mestres. Somos de opinião, certos embora de que matar a fome é uma obra de misericórdia, que o problema do insucesso escolar só pontualmente terá a ver com as carências alimentares dos alunos existentes.

Quanto a nós há que reformular toda a programação, com apoio pedagógico efectivo, exigente e pragmático, não fazendo da escola um mero campo de ensaios teóricos, ao sabor de especulações diletantes e inconsequentes, dos caprichos de cada qual. Os programas devem ter um mínimo de estabilidade e não podem estar a mudar todos os anos.

O recurso aos audiovisuais e à informática deve ser como o do sal na comida: equilibrado e em doses adequadas. A criatividade e o desenvolvimento da capacidade de análise e de síntese devem ser progressivamente facilitadas. A memória, na mesma linha, não poderá ser desprezada, evitando-se, todavia, os excessos. Ler e escrever, saber interpretar textos simples, eis uma das

finalidades a atingir, o que proporcionará, noutros níveis, uma maior possibilidade de aprofundamento. As noções elementares a inculcar devem ser relacionadas de modo a relacionar o aluno com o meio físico e o humano.

Há coisas que não entendemos. As crianças têm de passar de classe obrigatoriamente, da 1.ª para a 2.ª e da 3.ª para a 4.ª. Ainda não encontramos razões convincentes para justificar tal critério. O mesmo se diga em relação ao abandono criterioso do ensino da tabuada e, por isso, assiste-se, com frequência, ao recurso à máquina de calcular já no ensino primário e daí que apareçam no secundário jovens que não sabem fazer as contas mais elementares. Depois, quando se tem de enfrentar as realidades da vida, se não se traz uma máquina no bolso, das duas uma: ou se vai a casa buscar uma calculadora ou não se resolvem adequadamente as questões postas. Mecanizado o homem, ou transformado em meio «robot», desumaniza-se por atrofiamento das faculdades anímicas.

Um dos aspectos que mais contribui para o insucesso

escolar diz respeito à preparação dos professores. Ora, quer queiram quer não, a sua preparação é deficiente. Muitos não sabem ensinar, desconhecem a língua materna, entre outras matérias e, embora se possam queixar de falta de apoio adequado, não têm noções didáctico-pedagógicas capazes. Que admira, por exemplo, que os alunos das Faculdades de Letras não saibam redigir e escrevam com erros? A batalha da educação escolar começa precisamente no ensino básico e se este for precário ou falhar repercutir-se-á nos outros níveis. Diríamos, «é de pequeno que se torce o pepino».

Vivemos numa época em que os valores humanísticos são desprezados, em que o egoísmo é corrente e as pessoas só pensam em receber o ordenado ao fim do mês. Obviamente que todos os grupos sociais são atingidos e que, cada vez mais, se vai sentindo uma diluição ou mesmo ausência do sentido das responsabilidades. Pensamos que a chamada classificação de serviço deveria reviver, não tanto com o carácter fiscalizador e primitivo, mas como medida acauteladora dos

interesses dos alunos. As escolas existem para estes e, sendo certo que quem trabalha deve ser respeitado nos seus direitos, para tal até existem estruturas sindicais dos alunos.

Uma outra faceta que importa ter em conta, se é que queremos atacar a questão do insucesso escolar, tem a ver com o absentismo pronunciado existente. Há classes que têm 3, 4 professores por ano. Ao aproveitamento da faculdade de faltar ao abrigo do artigo 4.º, há a proliferação de atestados médicos, a propósito de tudo e de nada. Reside aqui, quanto a nós, uma das mais graves situações da vida portuguesa, afectando todos os sectores de actividade.

É do domínio público, salvo o devido respeito para com uma classe como a dos Médicos, que os atestados são passados, em grande parte, com total desprezo pelos valores éticos e dos aforismos de Hipócrates. Se for preciso, até relatórios se conseguem, como já tivemos ocasião de constatar. Há baixas a pedido ou oferecidas, criando injustiças; há atestados passados sem ver os «doentes»; há quem viva de passar atestados. Muito gostaríamos de ver a Ordem dos Médicos interessar-se por estes problemas deontológicos graves, bem assim de saber da existência de mecanismos para combater as autênticas fraudes cometidas.

Diz-se que o acesso à escola «tipo massal» e de pessoas oriundas de estratos sociais menos cultos veio complicar o

aproveitamento escolar. Certamente, e ainda bem. Mas é preciso lembrar que os meios humanos postos à disposição dos agentes de ensino aumentaram extraordinariamente e que o número médio de alunos por professor se reduziu de modo notável, facilitando o trabalho e a atenção às crianças.

Certamente que são precisas reformas estruturais — um chavão muito utilizado — mas o crescimento e o aperfeiçoamento das coisas só se processa em concomitância e paulatinamente. Se nada fizermos enquanto aquelas não surgirem será o fracasso total. Já agora, quase a finalizar, gostaríamos de referir a necessidade da existência de um ensino particular e cooperativo forte, oficialmente apoiado e reconhecido pelo Estado, dando aos pais o direito de opção, facto que tarda mas é fundamental numa sociedade livre.

Isto sem esquecer a reposição da faculdade de as instituições poderem indicar os seus próprios mestres.

Como educadores católicos que somos, num País que se diz cristão, queremos acentuar a necessidade do ensino, já ao nível básico, da disciplina de Religião e Moral, às vezes tão fortemente contestada por certas minorias lembrando, a propósito, que na democrática Inglaterra a reforma da educação primária e secundária, em curso, mantém a obrigatoriedade de tal disciplina.

Padre Luiz

Associações dos Antigos Gaiatos

CENTRO

No dia 26 do corrente realizaremos mais um Convívio em Miranda do Corvo, orientado de acordo com o programa em poder dos antigos colegas, cujos nomes constam do ficheiro.

Porém, os que ainda não pertencem efectivamente à Associação, também contamos tê-los junto de nós, porquanto o Encontro é de antigos gaiatos e não só da zona Centro mas de todo o País.

Deixamos o convite aos colegas de outras Associações que quiserem dar-nos o prazer de passarem o dia na nossa companhia, pois as Associações são de todos.

Igualmente ficam convidados os Amigos da Obra da Rua que queiram visitar a Casa do Gaiato de Miranda do Corvo. Serão bem recebidos.

Para quem passar ou partir de Coimbra, a concentração será junto ao Estádio Universitário, desta cidade, pelas 8.30, hora de partida para Miranda do Corvo, onde, por certo, se encontrarão já muitos com as suas famílias. Mais um dia para recordar!

Portanto, antigo gaiato, não esqueças de comparecer. Con-

tamos contigo, pelo menos uma vez por ano, para a nossa festa.

Um abraço de amizade, que será renovado em Miranda do Corvo.

Machado

NORTE

O nosso Júlio Gomes, depois de muitos anos de sofrimento físico e moral, encontra-se, desde a Páscoa, no Calvário, em Beire.

Conforme já escrevemos, foi entregue aos cuidados da nossa Associação — depois de ter sido encontrado por um dos nossos Padres a dormir nos bancos dos jardins da cidade do Porto; e, através da Obra da Rua, instalado numa Casa de assistência onde tinha cama lavada, pequeno-almoço e jantar.

Durante vários meses, o Artur Silva, antigo gaiato, já casado, prestou o apoio possível, levando-o muitas vezes para sua casa onde partilhava das refeições e do convívio familiar, ao ponto dos filhos o tratarem por avô!

O Júlio Gomes tem cerca de sessenta anos e precária saúde. Por isso, havia que arranjar um local apropriado para os difíceis anos que se aproximam. Con-

támos ao Padre Telmo a situação e pedimos que o aceitasse, a título experimental, no Calvário, pois não tínhamos a certeza de se adaptar àquele nosso tipo de vida familiar.

Consideramos esse companheiro ainda com forças e capaz de dar uma ajuda ao Padre Telmo. No Calvário residem doentes completamente incapazes de fazer alguma coisa, inclusivé de comer sozinhos.

Recentemente, fomos visitá-lo. Qual não foi o nosso espanto: estava sorridente, bem disposto. Disse que já deveria ter ido para Beire, há muito tempo, pois estaria mais novo dez anos. Falou de algumas das tarefas que tem a seu cargo, entre as quais destaca os patos, os gansos, a limpeza das ruas. Cheio de entusiasmo, mostrou o seu quarto, as roupas, os sapatos. «Nada me falta!».

Em conversa com o Padre Telmo — também satisfeito com ele — tivemos a confirmação do que vimos e ouvimos.

Regressámos a casa e, pelo caminho, demos graças a Deus por ter inspirado Pai Américo a erguer aquele paraíso, onde muitos dos irmãos, desfavorecidos de saúde, encontram o amor, carinho e sossego de que tanto necessitam.

AVISO — O nosso Convívio anual, em Paço de Sousa, está marcado para o dia 17 de Julho.

Na próxima edição daremos mais notícias.

Carlos Gonçalves

Novos Assinantes de O GAIATO

Já ultrapassámos a barreira dos 70.000 exemplares e contamos perto de 50.000 assinantes (são 48.000)! Cumpre-se um voto de Pai Américo, com o estímulo de todos nós para que assim seja — como é, graças a Deus. Sonhos que se tornam realidade!

O GAIATO não se comercializa nem está imbuído de conceitos muito comuns à generalidade dos mass media. É o que é, pequenino; e pequenino continuará. Mas, indispensável ao espírito dos Leitores — como afirma o pai da assinante 27537:

«Recebi o 'Correspondência dos Leitores' que, a pouco e pouco, tenho vindo a 'saborear' à mistura com as notícias quinzenais do Famoso. Por vezes, interrogo-me: — Como é que quatro páginas podem conter tanto 'sumo'?! A resposta creio ser a simplicidade da face de Deus nos mais pequenos pormenores. Impressiona, cativa e doutrina mesmo os desatentos! Por mim, o 'calmante' maior e o melo desta vida tão agitada é ler, com regularidade, o famoso O GAIATO.»

Agora, outro aspecto bem expressivo da procição: As

recolhas do Padre Carlos, no mês de Maio, em comunidades paroquiais do norte do País — 98 novos assinantes em Cesar e 150 em Nogueira do Cravo. Verdade, verdadinha, ele chega sempre espumante destas andanças, pelo acolhimento dos nossos Amigos, muitos dos quais ainda não haviam dado fé nem saboreado o melhor quinhão que Pai Américo legou à Obra da Rua — O GAIATO.

A procição aumenta de volume noutros campos, já que cada um arrasta mais peregrinos na caminhada. Como esta leitora, de Faro:

«Mostrando ontem O GAIATO a uma amiga, mostrou-se interessada em que lhe mandassem o jornal. Venho dar o nome e morada para lho enviarem imediatamente.»

É as expressões que marcam a alma dos nossos correspondentes!?: «Com satisfação escrevo, mais uma vez, a propor outro novo assinante...» — afirmam de Mogadouro, em Trás-os-Montes. Satisfação generalizada à pequenina multidão que passa frente aos nossos

Cont. na 4.ª pág.

Notas do Tempo

◆ Acontece-me de quinze em quinze dias. Nem é tanto a mim que acontece, pois aquela hora de termo da venda do jornal, de fecho de contas, de providenciar para que tudo fique em ordem para a quinzena seguinte, ocupa-me plenamente. Mas os nossos pequenos vendedores, acabados de jantar, enquanto a equipa da cozinha a arruma, têm de esperar a carrinha que leva de Paço de Sousa os que do Lar do Porto foram ao fim-de-semana e no regresso os trará.

Ora, onde hão-de eles esperar?... Na sala de convívio, também sala de televisão, que nessa hora debita um programa de deseducação nacional.

Eu dou por lá um salto de vez em quando a ver como tudo vai e, naturalmente, olho o pequeno écran.

Que tristeza! Talvez o homem-chave daquele espectáculo tenha talento... Porém, parece ter preferido prescindir dele para seguir o caminho mais fácil da popularidade. A chateza do texto, a brejeirise dos gestos, a inflação dos travesti, o atropelo da língua... — um programa de deseducação nacional.

O humor é uma coisa muito alta, muito difícil. Não o tem quem quer. E a pretensão da graça quando falha o humor, resulta simplesmente em ridículo. Não é o «ridendo castigat mores» do velho adágio. Este é da espécie do humor autêntico. O ridículo que apresenta,

produz reacção, actua como vacina — é pedagógico.

No caso presente, as multidões assimilam o ridículo como se fora alimento bom; não o tomam como antidoto que, na verdade, nem isso ele consegue ser.

Este o trágico daquela farçada. A dor que provoca aquela quase fatalidade que afecta também os nossos rapazes, cuja cultura ambicionamos, cujos critérios de bom gosto e de ética queríamos ver crescer direitos — eles que, como a maioria das novas gerações, tantas dificuldades experimentam no estudo e na prática da sua língua pátria, disciplina em que o insucesso é dos mais notórios e ali tão maltratada é.

◆ Foi há meses, ainda no âmbito do centenário de Pai Américo. A chamada veio de Estarreja de um dos nossos que, em Pardilhó, tem o seu lar e o seu trabalho e ali estuda, à noite. A chamada foi mesmo à Escola Secundária, para falar de Pai Américo e da Obra.

Escolhida a tarde mais livre da semana, a primeira sessão destinava-se aos alunos de dia. Gente muito jovem, após um dia de aulas, alguns morando longe — não me surpreendeu que o recinto não esgotasse. Porém, o meu «contratador» é que não deve ter pensado assim. E tanto sofreu enquanto não viu a sala razoavelmente composta que, embora fosse tempo de frio, ele suou.

Que bem me soube o calor expresso naquele suor! Que não estivesse ninguém — o acto não seria perdido! Mas até esteve! E os que ficaram, foram mesmo dos mais capazes de interesse e de diálogo que tornaram o encontro vivo.

A segunda sessão começou no primeiro tempo do horário nocturno. O Rui conseguira dispensa das duas primeiras aulas, de modo que tivemos duas horas cheias com uma sala cheia de professores e de

Cantinho dos Rapazes

Tantas vezes tenho pensado em falar-vos! Aos mais velhos e aos chefes das comunidades. Tendes mais obrigação. A responsabilidade é maior. Sois mais capazes de entender o que vos quero comunicar.

Este Cantinho nasceu, num destes dias, quando passava pelo grupo dos «da lenha» que varriam as ruas da nossa Aldeia. Notei que pararam, fixaram os meus olhos e disseram: — O senhor padre anda triste?!

Não consegui esconder a dor que levava dentro do peito e eles deram por ela. No mesmo dia, a hora diferente, um dos mais velhos perguntou se estava doente. Venho dar-vos a resposta. Quero estar convosco. Vós sois a minha alegria e o meu bem.

O mal que me consome nasce em vós e acaba em vós. Só convosco se pode curar. Eis a razão deste Cantinho.

Mais de uma vez entraram no meu escritório de trabalho e retiraram objectos guardados e alguns valores. Utilizaram chave falsa. Quem? Parece ser gente da Casa. Come connosco à mesa, dorme debaixo do mesmo tecto. Se fossem estranhos, a dor não seria tamanha. Não é «serviço» de pequenos, mas de crescidos e com alguns anos de convivência connosco.

Não me dói tanto o roubo dos objectos, nem dos valores — que não foi grande — como não saber quem os tirou. Por ele sofreremos. E a dor se mudaria em alegria se lhe pudéssemos dar o perdão em comunidade, desde que arrependido.

Costumamos guardar no silêncio da intimidade estes amargos da nossa vida. Porque somos campo do mesmo trigo e do joio, importa que o trigo cresça. Como? Vós, os maiores, sois o espelho dos mais pequenos. Fazer de cada rapaz um homem, só com a vossa ajuda.

Sabeis quanto o povo nos quer e nos põe em lugar tão alto! Tanto carinho! Disto tudo sois testemunhas. É um estímulo.

Casos como este são mais raros, na medida em que estais conscientes da força do vosso exemplo. A vida em nossas

alunos, gente madura que, após a passagem do diaporama, sustentou conversa animada até além das nove horas. E, para confirmar o exposto e assentar ideias, achou-se conveniente uma excursão dos mesmos que, há poucas semanas, passaram uma boa tarde em Paço de Sousa.

A seguir juntámo-nos em casa do Martinho que também mora em Estarreja e nos acompanhou toda aquela tarde.

La comigo um jovem da Comunidade actual de Paço de Sousa, que outras vezes me tem acompanhado em actividades semelhantes; o qual, no regresso, após o jantar com os dois casais e seus filhos, me

confidenciou: «Foi a vez que mais gostei de sair consigo».

Foram eles, os «velhos», a sua amizade mútua de irmãos, o seu apego tão vivo à Obra-Mãe, aquele sentimento de «como a Família é verdade» que o poeta canta e todos experimentamos — foi tudo isto que o fez dizer: «... a vez que mais gostei de sair consigo!»

Também para nós são de paz e reconforto momentos como estes. Louvado seja Deus por eles — pelo bem que os nossos «velhos» rapazes nos podem fazer e fazem: a nós e aos irmãos das novas gerações que incessantemente lhes vão sucedendo.

Padre Carlos

Casas assenta sobre vós. Sede, pois, irmãos mais velhos atentos aos mais novos. Dai-lhes a mão a tempo e horas.

Chamei os chefes e reunimo-nos. Foi uma oportunidade de medir a responsabilidade de cada um. De como está a ser vivida. Pois, se dentro da Obra da Rua cada um tem o seu lugar, o chefe tem o seu. Ninguém o pode substituir. Que grande responsabilidade recai sobre o grupo dos chefes de uma Comunidade como a nossa! Ela só funciona na medida em que dais boa conta da vossa tarefa. Não vos admireis, pois, de que a preocupação primeira numa Casa do Gaiato seja a vossa formação. É que só podeis dar o

que tendes no coração. Sois capazes de entender que sem vós falta o coração à Comunidade? E também sois capazes de entender que um coração saudável é a garantia de uma Comunidade viva, responsável, onde, quem entra de novo, recebe o bem e vai deixando o mal?

A minha tristeza daquele dia descarreguei-a sobre os chefes como quem pede a mão para andar e fazer andar. Sois os mais íntimos. Conheceis os segredos. Viestes da Comunidade e estais metidos nela. Gosto de vos chamar fermento. Sal. Que mais?

Um abraço muito amigo do

Padre Manuel António

TRIBUNA DE COIMBRA

■ Fiquei hoje muito contente ao ver o «Chola» todo radiante a conduzir o tractor com uma carrada de rapazes. Jam roçar mato para as camas do gado. Aproveitámos o feriado municipal e zelámos um pouco a nossa vida.

O «Chola» não esconde a sua felicidade. Já tem o projecto que lhe ofereceram para a sua casa e nesta semana assinará a escritura do terreno que a Obra lhe cede. Comunica a sua alegria a toda a gente. Já falou com um grupo construtor que lhe fará a mão de obra. Vai fazendo contas a ver se o dinheiro que tem chega para levantar e telhar a casa. Depois... Depois vai esperando.

O «Chola» está connosco há vinte e três anos. Era pequenito. Não conhecia família. Sempre pronto para ajudar e para falar. Procura topa a tudo, embora a sua profissão seja carpinteiro.

Quando vejo o «Chola» preocupado a fazer contas à casa que quer construir, para depois casar, fico sempre com vontade de o ajudar mais. Há tantos que não fazem nada pela vida e tudo lhes aparece, feito. Estes que lutam, merecem mais o apoio de todos. São os grandes carecidos que merecem a nossa ajuda.

Quando o «Chola», a sorrir,

pergunta se a Obra da Rua depois o ajudará a acabar a casa, tenho de responder também com um sorriso de esperança.

■ Com o «Chola» está o Tonito, mais parado, e o «Chola» puxa por ele. Os Amigos do «Chola» também prepararam o projecto para a casa do Tonito. O terreno que a Obra da Rua cede é para os dois. Dá para casa e quintal.

Vão começar a construir. Acabar... será depois.

Olho muitas vezes para o Tonito. Veio para nós ao colo da senhora Ilda, vicentina da sua terra. Há vinte e três anos que está connosco. Foi chefe-maioral alguns anos. Casou, há ano e meio, e tem um filhinho. Necessita muito duma moradia, pois está a viver na casinha dos sogros com eles.

Quando olho o andar parado do Tonito e o remexer irrequieto do «Chola», fico sempre com vontade de lhes dar um empurrão. E se todos lhes dêssemos um empurrãozinho para que pudessem ter a sua casa?

Que cada um responda ao desafio da sua consciência.

Padre Horácio

Novos Assinantes de O GAIATO

Cont. da 3.ª pág.

olhos pecadores. Tanto assim que se revela até naqueles que chegam, pelo seu pé, sem ajuda de ninguém. Um ovariense: «Peço que enviem O

— IMPORTANTE —

Sempre que o Leitor escreva para as nossas Casas — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.

GAIATO para a minha residência. Estou muito contente por vir a receber o jornal, pois era sabedor da sua existência, mas não sabia como proceder à assinatura.»

Entre os peregrinos, do Minho ao Algarve, também há portugueses dispersos pelo Mundo, que fazem d'O GAIATO um elo de ligação à Pátria-Mãe e aos Pobres que ela tem. Hoje, topamos principalmente Amigos domiciliados no Brasil; outros, na Europa: Suíça e França.

O Famoso espalhado pelos quatro cantos do Globo!

Júlio Mendes



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. (055) 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato Paço de Sousa-4560 Penafiel